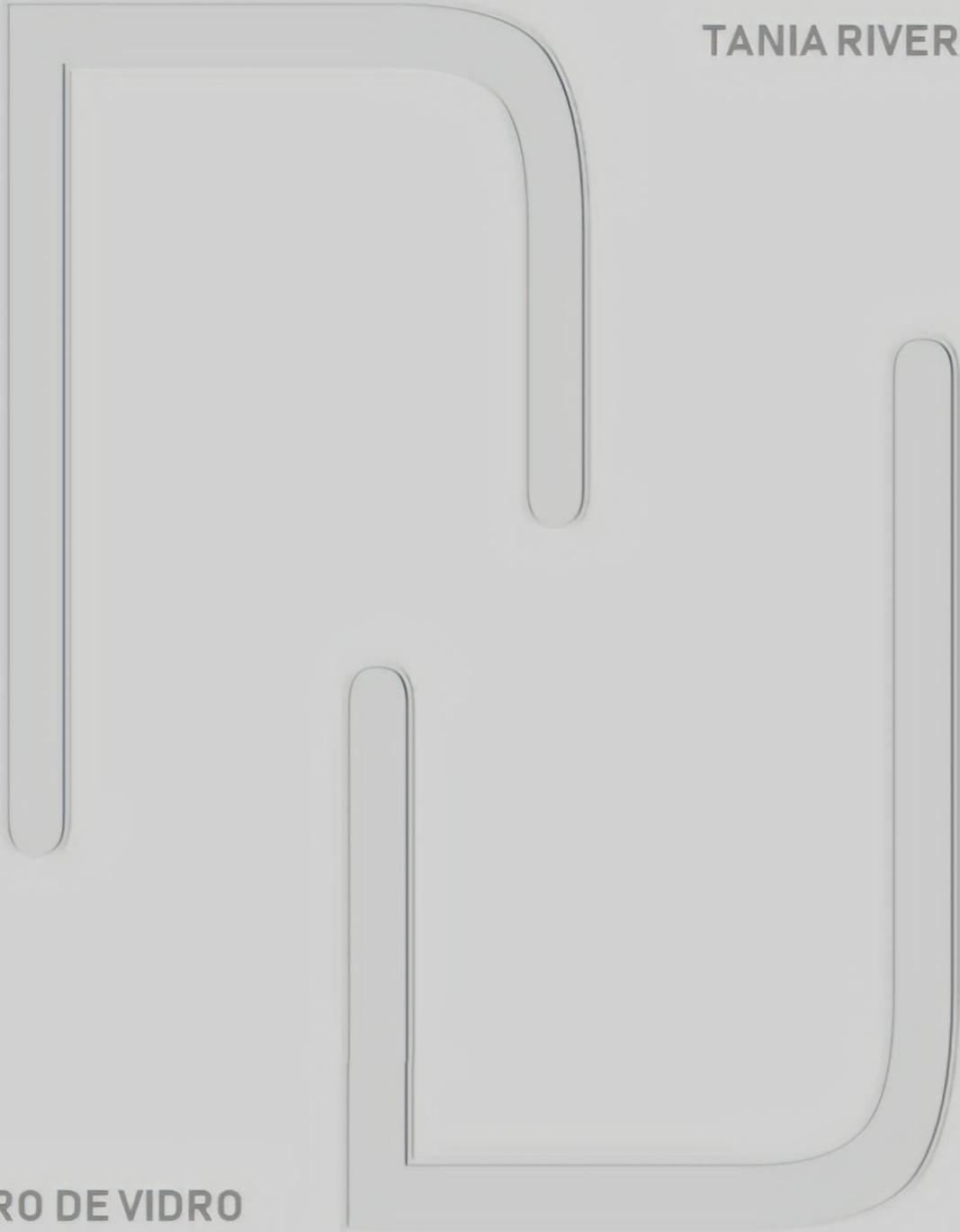


TANIA RIVERA



O LIVRO DE VIDRO

Livro de Vidro

A bola que lancei quando brincava no parque
Ainda não tocou o chão.

Dylan Thomas

Sei que vou morrer não sei o dia. Levarei saudade da orgia. Sei que vou morrer não sei a hora. Levarei saudade da aurora. Pensava que Aurora e Orgia eram as namoradas do cara, quando ouvia minha mãe cantarolar, revirando os olhos e empostando a voz como uma vedete de teatro de revista.

Mas da voz que cantava agora, a do vizinho no chuveiro, eu não conhecia o rosto nem a expressão, apesar da intimidade construída em anos de troca de ruídos graças à fabulosa acústica do pátio interno do prédio, que me impedia de saber sequer se morava no apartamento ao lado, ou no de baixo. Ao ouvi-lo, porém, era certo que queria morrer – eu também – numa batucada de bamba, na cadência bonita do samba.

Durante muitos anos achei que um dia viria assim, de repente, um jeito de escrever que seria meu – uma voz – e a partir daí eu seria escritor. Voilà. Para dizer enfim sei lá o quê, isso que precisava transmitir. Por necessidade. Sempre detestei o que é escrito por vaidade. Queria pegar os outros de surpresa, como o cantor de chuveiro. Ou o funcionário de terno que um dia vi jogar papel cortado, lá no alto – era 31 de dezembro – fazendo céu e chão se reverterem quando os pontinhos brancos rebrilharam e puseram-se a subir, desafiando a gravidade.

Tem coisas assim, incríveis, mas que não dão história. Como aquela profusão de pontos brilhantes rasgando o céu azul qual minúsculas naves sem rumo ou diminutos fragmentos de sol. Eu não tentaria, como Maiakovski, vencer o astro-rei – então simplesmente entrego-me a seu abraço quente e úmido. Como quem se rende. Basta a von-

tade de morrer com cadência, de morrer naquela luz, no meio de todas aquelas pessoas olhando para cima e girando, girando no Largo da Carioca.

Negociar com o sol só podia mesmo ser o sonho de um russo, coitado, que jamais pôde encontrá-lo totalmente. Que não faz ideia do que seja o verão no Rio de Janeiro: tudo branco de luz estourada, o sol habitando cada pedaço da cidade e das pessoas. Aquela vida toda espalmada em morro e céu, gente e mar, entreabrindo tudo a suor e sal. Como entrar na baía de Guanabara na década de 30 e se deixar lambar por sua boca desdentada. Como subitamente abrir os braços em gesto de conquistador – mas também da vítima ao levar o tiro no peito.

Nesta cidade extrema eu exercia meu nomadismo e minha tristeza, meu desdém por Rosa. Rosa que, bem sei, fiz de tudo para que me deixasse. Como se isso que chamam felicidade devesse escoar pelo ralo, para ser vivida até o fim, como se cada frase de amor devesse ser decomposta em letras que já não digam nada. Como se, em vez de acenar e entrar no ônibus que enfim surgiu na rua, fosse necessário pegá-lo com as mãos, soerguê-lo, revirá-lo com todos os passageiros. Como se a máquina do mundo, quando de repente se apresenta à gente, num clarão, tivesse que ser desmantelada peça a peça, amassada, pisada. Mordida e, enfim, cusvida como chiclete.



Na última conferência que dei, ainda interpretando meu papel de professor de literatura, havia uma moça me olhando como se fosse eu a tal máquina do mundo, a ela de repente se abrindo. Era um olhar grave. Não achei que fosse uma paquera. Fiquei desconcertado. Era Drummond o responsável, com certeza, não eu. Sabia que era eu mesmo uma mentira: estava ali como um títere, um boneco de ventríloquo. O que não sabia é que o boneco muda a voz do dono. (Rosa tinha saído de casa na véspera, e eu ainda não havia sentido nada). Por isso talvez a máquina fosse diferente, na minha voz. Ela não permitia que simplesmente, graças à poesia e à minha lassidão, tudo se refizesse e eu prosseguisse de mãos pensas pelas calmas estradas de Minas.

Ela era terrível – e por isso tudo talvez se refizesse, sim, graças à poesia, mas tornando-se totalmente diferente. Tudo destrocado como por catástrofe, naufrágio, grande enxurrada. A literatura transformando tudo (inclusive e sobretudo: eu) – mesmo que ninguém pudesse vê-lo.

A moça me esperava – e esse era meu medo – quando saí do auditório, extenuado, respondendo banalidades aos comentários imbecis que vinham me acompanhar, gentis. Bastava seu olhar para revirar aquela cena ridícula e me botar no meio do temporal, do terremoto, da vida real. Tive medo.

Esperava daquela boca a pergunta definitiva, o chamado impossível. Qualquer coisa. Ela calava num olhar tão cheio de palavras que o chão ameaçava romper-se sob o peso de Drummond e de todos os livros, toda história da literatura mundial repetindo uma mesma frase insensata que tentamos contornar com tanta letra, tanta tinta, tanto desenho no papel. Me doía o centro do tronco, cavando um ponto de anatomia incerta que me obrigava, subitamente, a curvar-me um pouco para frente. Todas as deformações, toda a feiúra da humanidade eram minhas, e eu era um outro, um outro deplorável, digno de toda a compaixão do mundo.

Ela nada disse. Apenas estendeu o braço, mirou-me com seus grandes olhos negros e cerrou a boca fina, enquanto entregava-me algo. Era um livro. Ou melhor, um maço de papel atado por uma fita, à maneira antiga. Eu, que sempre fugira com mal-humor e altivez de escritores iniciantes em busca de algum reconhecimento, era agora, eu, o iniciante, querendo e temendo pegar a moça pelo braço. Deixei que partisse.



Rosa olhou para o canto da sala e disse até as baratas estão morrendo, nessa casa. Antes que ela passasse da barata para o meu pau, retruquei que as baratas só aparecem quando já estão quase morrendo, querem vir do underground para a luz só para mostrar-nos a podridão, a sujeira definitiva. Missão final: trazer aos homens o asco absoluto, passear em seus pratos, talheres e biscoitos antes de, como baratas-bomba, se oferecerem a nosso chinelo.

Pode parar com seus papos-cabeça ridículos, não tô interessada na sua filosofia barata, eu quero é sair dessa vida de merda, disparou Rosa. Eu é que era o homem-bomba – calei – explodindo tudo junto comigo, só que sem nenhuma causa a defender. (ou talvez eu fosse a barata, simplesmente, como bem sabia Kafka).

O que Rosa não podia imaginar é que o homem-bomba ama a sua bomba mais do que

a si mesmo.



Minha cabeça doía muito, acho que não tinha conseguido dormir aquela noite. A pior insônia é aquela que ignora a si mesma. O cara não pode nem curtir sua falta de sono, aproveitando para enfim ler Crime e Castigo ou tomar whisky e ver mulher pelada na internet. Ele acha que dormiu, mas alguém roubou seu sono. (e isso, pensando bem, deve ser como a morte).

Dindon ele vai atender e é a gostosona do 603, de toalha, não, aí é muita esculhambação, de shortinho, perguntando se ele não teria uma xícara de açúcar. Bom, eu era pequeno, não tinha talco e mamãe...

Ou: é o preto americano do seriado de tv, com uma estranha arma na mão: serviço de extermínio de baratas. (por que escrever assim, sempre esse narrador meio fodido, meio gostosão, Hemingway ou aquele garanhão cubano, tanto faz, escrevendo como se não tivessem nem aí para nada será que o cara para ser bom escritor tem que ser babaca e não conseguir nem ficar de verdade com uma mulher?)



Tinha uma história fantástica, que ela não sabia mais onde tinha lido ou ouvido, de uma velhinha que cochilava várias vezes ao longo do dia, enquanto rezava, via tv ou mesmo conversava com Maria, a empregada, ou alguma visita ocasional. Ela adormecia e a casa ia ficando em silêncio, até que nada mais se ouvia. O barulho dos carros e das crianças na escola próxima, a conversa no boteco da esquina provavelmente prosseguiam, na rua. Mas a empregada achava que o sono da dona Zulmira sugava todo som ao redor, e tinha medo que a idosa bela adormecida prendesse para sempre a cidade em seu feitiço.

Um ano depois de começarem os episódios de silêncio, uma questão começou a atormentar Maria, noite e dia: haveria som nos sonhos da velha? Várias vezes lhe fez a pergunta e sempre obteve respostas evasivas. Será que todo som do mundo ia para o sonho de Zulmira – algazarra total, todas as línguas e ruídos, todas as declarações de amor e os xingamentos, todas as falas soltas que as crianças emitem quando dormem? (Maria adorava as palavras que sua filha, quando pequena, dizia dormindo,

elas saíam pela metade e assim era melhor, pois a mãe ia com elas completando as frases de seus próprios sonhos).

Na primeira vez em que o silêncio aconteceu, Maria, assustada, acordou a senhora, que não entendeu (estaria variando? ou apenas surda?) do que se tratava. A moça passou então a vigiar todo cochilo e logo cada piscar de olhos da patroa. Quando os barulhos iam sumindo e ela estava na cozinha ou arrumando um dos quartos do antigo casarão, corria para perto da poltrona da sala e ficava imóvel, sempre a dois passos de Zulmira. Quase nem respirava, concentrada em mirar fixamente a velha, para que ela acordasse e o feitiço não se completasse.

Um dia, chegou à cidade uma companhia de circo. Atravessavam as ruas e todas as paredes o grito solene do diretor, o bumbo, a corneta estridente e o burburinho alegre das crianças pobres do bairro, quando a velha subitamente caiu no sono. Maria veio e fixou o olhar nas pálpebras fechadas, repetindo aflita, em silêncio, abra abra abra abra. Abra: a velha arregalou os olhos. Estava morta.



Quando Tatiana entrou, Paulo ficou inquieto. Ela irradiava uma estranha força, em sua extrema fragilidade.

Ausente dela mesma, sem saber de si – ele pensou. Ela aceitou uma bebida, e começou a falar, devagar. Que gostou muito da palestra. Também queria ser escritora, era esse seu enorme constrangimento. Pôs-se a rir e logo a gargalhar, num súbito desembaraço que surpreendeu o homem. Como se bastasse querer... No início, ainda adolescente, começou a pôr no papel seus sonhos. Toda noite.



Depois da morte de Zulmira, o silêncio ficou morando dentro de Maria, cavando brechas entre as falas dos seus sonhos. Não que estes se transformassem em cinema mudo. Aos poucos, cada sonho seu foi se tornando silêncio, um silêncio espesso onde mostravam-se, mortas, todas as letras. Maria acordava suada, gritando. Ou dormia apenas, pesada, enterrada em silêncio durante 15, 16 horas. (Paulo lembrou-se então de Maurice Blanchot: o silêncio é impossível).



Não era ele quem escrevia bem. Era seu irmão Maurício, o intelectual designado pela mãe desde os três anos, quando teria “lido” letreiros na rua como quem decifra uma escrita milenar, reinventando palavra e língua aos olhos da mulher boquiaberta. (ou como quem lê por outro, no lugar de outro, em uma espécie de leitura psicografada, ele pensa agora). Paulo tinha 9 anos quando brincava com o irmão no rio da fazenda e o barranco a enxurrada o redemunho o horror o levou diante de seus olhos arregalados.

Talvez dessa culpa venha a tarefa de escrever. Em lugar do morto. Cada palavra sua chora até hoje, página sobre página, toda a escrita que o menino tinha encapsulada em si aos 9 anos de idade. Seu ideograma.



Tatiana subiu uma, voltou outra. O elevador e a portaria eram as mesmas, mas havia chovido forte dentro de seu peito. (nos olhos também). Um pássaro soltou de repente um grito de criança. A rua era aparentemente a mesma, mas na verdade os carros tinham mudado de cor e as calçadas haviam se tornado mais largas e vazias. A suave ladeira parecia mais íngreme, e talvez o relevo se refizesse, e se revoltasse ainda, sob seus pés. Cada passo muda o mundo.



O sonho era cinza, não, não, era rosa, cor de rosa, tudo meio lavado como uma aquarela, ou então como se tivesse um véu na frente, na frente da tela, quer dizer, da câmera, sei lá – qual será a câmera do sonho rá rá rá. Não era meu olho, esse da câmera, eu estava lá dentro e falava, falava sem parar, como se tentasse me explicar para alguém, estava aflita como se a pessoa não me entendesse, ou melhor: nem me visse. E a cena se repetia e repetia, eu ali, e percebi de repente: eu não conseguia parar de falar. Como um vômito, sabe, eram jorros e jorros de palavras, frases que ninguém entendia, tudo ali saindo pela boca e meus olhos – mas meus olhos, eles estavam mortos. (Rosa quando contava seus sonhos fechava os olhos. Era meio ridículo, seu semitransse. Às vezes dava um pouco de medo, mas Paulo achava que nem eram sonhos que ela contava, eram coisas inventadas. Ela precisava inventar. Vai ver que só sonhava

coisas banais, cenas cotidianas que repetiam eventos da véspera, e da antevéspera, e do dia anterior, e do mês que passou – refazendo, no sonho, a vida boba, a vida sem sentido – mas ao revés.)

Isso ele lembrou ao fechar a porta (e os olhos também, lentamente), à saída de Tatiana. Ouviu de novo sua voz dizendo baixinho – quero você. Seus membros amoleceram como se todo seu corpo tivesse que voltar à terra e tornar-se mineral. A saliva dela estava na sua boca, no seu pau, nos seus peitos, e ficaria ali depois da ducha, e mesmo depois de muitas duchas.



Campainha. Ele abre a porta e um preto alto e forte pergunta com voz empostada – a Tatiana se encontra? Tatiana? Paulo hesita, deve estar apaixonado – o cara diz Efigênia e você ouve Maria, sua amada. Mas o sujeito tinha mesmo dito o nome e sabia bem de quem falava – estou procurando aquela mulher magra de vestido azul que vi entrar no apartamento, a escritora. Ahn... Para quê? Bem, gostaria apenas de lhe pedir um autógrafo, sou o Vizinho do 603. Ele tira então do enorme bolso do sobretudo superfashion um livro, um livro pequeno e estranho, com um título discreto, no canto direito superior: *o livro de vidro*.

Custa a Paulo botar uma roupa minimamente apresentável e sair, depois de fazer a barba e escovar os dentes. A rua, monótona em seu burburinho perpétuo. A cidade não acaba nunca, e se ele se dignasse a atravessá-la seria o mundo todo que percorreria, sempre igual a sua esquina. Compra o livro, depois senta-se no banco ao lado da estação de metrô.



Um menino azul, ou transparente, um menino feito de água – devia ser assim, um filho, inundando tudo na vida da gente. E então perder um filho o que seria? Uma espécie de enxurrada, a vida virando barranco, cerrado, grotas. Veias abertas no chão. Todas as palavras dele se desdizendo, se escrevendo pelo avesso, as letras se desmontando e empilhando como troncos, como folhas, cadáveres.

O canto sugando o pássaro.

Tatiana ouviu e soube, no instante em que os dedos de Paulo tocaram seus lábios, que para sempre estaria ali, levemente ofegante, na espera daquele beijo. Ele introduziu a língua devagar e os dois pareceram rolar um no outro como água na pedra, num rio sem fim.



Os pombos-ratos revoavam, o trânsito arfava adiante. Paulo levantou-se do banco, o livro pendia aberto em uma das mãos. O mundo como o livro, virado, por um triz. Um fusca azul-celeste parou no sinal, um menino lançou uma primeira bolinha no ar e malabarizou-se junto com as demais. Um malabar não tem lugar, pensou. (e isso quem disse foi Cildo Meireles). Seu lugar é um rápido instante.

Tatiana não podia saber daquilo tudo. De seu irmão, de seus sonhos grudados de calor e mosquitos, vagando como barco no grande rio, dos livros todos e sobretudo daqueles que eram grotas sob as águas, de suas braçadas em volta deles, brincando de quase se afogar. O livro de Tatiana era ele – e não teria sempre sido este seu sonho, essa sua busca?



Paulo perguntou porque você não disse que já tinha livros publicados e até "admiradores" e coisa e tal. Ela contraiu os lábios e disse coisas dispersas. Aprendeu com a mãe a falar sem dizer nada, mas sempre se surpreendia e irritava diante da fala cotidiana que sustenta tanta gente nesse não-diálogo. O que se troca, quando nada se diz? Pura fala, voz? (talvez a poesia fosse isso, palavra qualquer recortada do cotidiano, da vida. Pequenos fragmentos do grande malabarismo humano, suspensos no ar como em súbita fotografia.)

A bola que lancei no ar, menino brincando, e que ainda hoje não tocou o chão – como escrevia Dylan Thomas. Devia ser isso, um livro: aquilo que vira letra no papel-ar, e sai papelandando no céu azul.



Atravessando a rua do catete, pensava como os mendigos loucos são diferentes dos outros mendigos. Eles não buscam sobreviver, ganhar algum dinheiro graças à compaixão cheia de culpa dos passantes. Os insanos que habitam as ruas são a dobra da cidade, eles marcam o ponto no qual a civilização, a ordem, a evolução – sempre a se nomear na voz empostada de um diretor de circo – reencontram sua essência medieval e explodem nos quadros de Bosch, nas caretas, no disforme, em ficção-carniça a céu aberto. Os loucos andarilhos curvam a barra de ferro do tempo até quebrá-la, para então mostrar a História como fratura exposta. (sob o sol ardido do meio-dia, o cara passa surrado e rápido, repetindo sempre no mesmo tom a frase que ninguém parece ouvir, e no entanto resume toda a história da civilização: o brinquedo assassino ele não sai da minha mente.)



Era um homem no labirinto, tá? Aquele labirinto imenso, sem entrada ou saída, um labirinto que talvez fosse o próprio mundo. Só que não tinha paredes, tinha letras. Andar por ele ia formando palavras e frases, textos inteiros ou meras saladas de fonemas – não importa, pois não havia mesmo ninguém para lê-las. Eram como as linhas de Nazca, entende? Os indígenas ali, removendo por quilômetros a camada superficial do solo para deixar à mostra outra coloração da terra e com ela formar enormes desenhos que ninguém podia ver inteiramente. Se você for lá hoje e pegar um aviõzinho, você estará ocupando o ponto de vista da divindade, percebe?

Ele odiava este “percebe” e resolveu ignorar a pergunta que, de resto, não aguardava resposta. Mas arriscou: podia ser um labirinto de livros. Não, não. Muito borgeano, quase clichê... No entanto era isso, sua vida, percebeu naquele instante: curtos trajetos em todas as direções, tomando inutilmente palavras de um e outro livro, traçando em ato frases que nunca ninguém lerá.



O livro de Tatiana era simples porém múltiplo. Como uma só frase que se enrolava em outras, dizendo a mesma coisa, sempre diferente.

Ela vivia em um prédio antigo, de portão muito alto e elevadores com marcador em meia-lua. Havia livros por toda parte. Sobre mesas e cadeiras, nos cantos das paredes, no chão. O quarto era amplo e vermelho e uma estrutura de madeira apoiava um tecido finíssimo sobre a cama, formando o dossel com o qual Paulo sonhara desde menino, cochilando sobre livros de contos árabes. Tudo estranhamente silencioso, como que apartado por séculos da rua ruidosa, da urbe congelada no vidro das janelas. Ela também, silenciosa. Beijou-o e sorriu, virando-se em seguida para a cozinha, buscar um chá, e ele rapidamente colou numa estante, verificando os títulos com a urgência de quem vasculha uma carteira. Quem seria aquela mulher foi a pergunta que o invadiu. Mirou a geometria exata do parquet antigo e achou graça do clichê de romance policial.



Sonho sempre com minha mãe. Ela jovem ou velha, doente ou morrendo ou correndo pelas areias escuras da minha infância. Ela se transforma sem parar, cadeira, mar, bolsa, menina, todas as imagens do sonho são ela. Mesmo eu, que nunca sei onde estou em cada sonho mas ali estou do modo mais belo e terrível, como uma cicatriz na pele. Talvez no sonho eu seja minha mãe, tendo-a novamente, enfim – e pela primeira vez. Feito tatuagem.

O portarretrato sobre a mesa detinha a própria imagem de Tatiana, só que um tanto esmaecida, segurando no colo uma menina de olhos grandes e tristes. Mas o homem ao lado denunciava a idade da cena, por seu bigode démodé ou sua camisa muito justa, deve ser de jérsei. Ele destoava da gravidade tocante da dupla mãe-filha como um mal ator interpretando Shakespeare.



Não me lembro bem. Aliás, me recordo bem demais, esse é o ponto, descobri que aquela lembrança tão vívida é, na verdade, uma fotografia. Nela tenho três anos (sempre três anos) e estou sentada no chão, ao lado da poltrona na qual meu pai estava sempre lendo. Eu, quieta, comia papel.

– E ele? Via? Dizia algo?

Ele estático, mergulhado num livro grosso, capa vermelha. Qualquer um dos milhares de livros de sua biblioteca, sobre qualquer tema astrologia hemingway física revolução russa poesia, qualquer livro da vasta biblioteca que é o mundo, ou um livro de Borges que contém todos os outros, todos os livros jamais escritos – é isso: todos aqueles que não chegaram a ser escritos. Especialmente aquele de Mallarmé, o do mundo que só existe para caber num livro.

Não importa. O fundamental é saber quem estava do outro lado. Do lado de fora da fotografia.

Quem tirou a bendita fotografia, de quem era esse olho que não podia ser meu. É isso que não me deixa esquecer. Esse olho fora da cena é o dono disso. De quem é essa porra de memória?



Outro lugar-comum: parecia-me conhecer aquela mulher há muito tempo, desde sempre talvez. Podia ser o amor, claro, sempre refazendo a vida de trás para frente. Mil dias antes de nos conhecermos, Tatiana certamente entreabriu a porta do banheiro enquanto eu fazia a barba sonolento e solene, num desses momentos em que damos um passo para trás e saímos, por um átimo, da cena cotidiana. Sem dúvida cruzei com ela na saída do cinema, ou quem sabe até sentamos lado a lado, sem sabermos, no escuro da sala, e vivemos à distância de poucos centímetros a cena de sexo mais tocante de nossas vidas.

Eu era o personagem de Hitchcock vasculhando a história da heroína enigmática para salvá-la – sei lá de quê. Tudo nela era literatura, mas – diferente do homem do filme

– eu sabia que não havia realidade escondida, e sim camadas e mais camadas de ficção fragmentada, como na vida. Os grandes lances, as reviravoltas e peripécias não se apresentam no ponto certo da narrativa, não há trilha sonora a nos preparar para a grande revelação. O suspense está em cada dobra ínfima do que há de mais comum.

Não era a vida dela que eu buscava tornar real. Era a minha própria.



Acompanhou a longa estante como quem sobe uma escada, até chegar a sua borda, que dava para a sacada. Tirou do bolso um cigarro e olhou para baixo como chamado pelos carros e pelos passos apressados de uma moça que parecia saída de uma festa dos anos 50, saía godê a esperar pela súbita lufada vertical do metrô para transformá-la em Marilyn dos trópicos. A saia vermelha bateu excessiva na lateral da banca de jornal e quase envolveu o homem grande, o preto bem vestido do seu corredor, o fã de Tatiana ou seja lá quem for esse filho da puta. Paulo escapou instintivamente para dentro da sala.

Você tem lido muito romance policial, zombou Tatiana quando ele falou do homem na calçada. Vem tomar o chá.



Em algum lugar, Freud fala de uma tribo na qual o nome do morto torna-se tabu. O chefe reúne a todos e anuncia o novo nome, e como esse nome em geral é também um substantivo comum, muda-se ao mesmo tempo o nome do homem e o nome da coisa. Todos saem empregando a nova palavra como se a tivessem aprendido aos dois anos de idade. E a língua vai mudando ao sabor das mortes, transformando coisas e gente.

Diz-se que em outras tribos as palavras-tabu não são substituídas por outras, mas simplesmente deixam de existir, e o mundo vai encolhendo, junto com os homens.

A colcha era carmim e o vestido azul-ultramarino de Tatiana formava nela uma bela mancha móvel, esparramando e contendo sua cor em uma dança sutil e primitiva. Ela um pouco rouca, sorrindo: vem. Entrei ali como quem mergulha no oceano e o vestido

tornou-se barco, e o vento batia em meu rosto com gosto de sal, as ondas faziam um marulho espesso em todas as línguas do mundo e eu entendia enfim o mito da sereia.



Mais uma vez cruzava o Largo do Machado naquele sol ardido e na gente que não acaba, o chão de pedra portuguesa encardida refazendo, com raízes de árvores, o relevo que a cidade em vão tenta aplinar, e pensava no rio que escorre, raquítico, escondido sob as buzinas da rua das Laranjeiras. Há chuvas capazes de refazer o corpo do rio e vingam a natureza amordaçada, tornando a vida caudalosa e arrastando homens-barcos para a Baía de Guanabara. Tatiana o esperava e isso também o arrastava. Quem nos navega é o mar, dizem.



Ela, taciturna, outra e mesma. O apartamento, sombrio, tinha outro cheiro. Pela primeira vez em minha vida, como quem abre um novo livro – porém já empoeirado – li a dor alheia. Tatiana chorava ainda uma morte próxima.

Todas as coisas passaram a existir de uma forma diferente com aquela morte. Foi preciso que tudo recebesse um novo nome, mesmo eu. Principalmente eu. Os outros não percebem quando me chamam, mas meu nome agora é outro. Suas letras se torceram num espasmo para depois se espalharem serenas, grama do cerrado depois da chuva. Quanto ao mundo: tirei as palavras de dentro de mim, dolorosamente, uma a uma, parindo cada coisa que então se erguia lenta, pesada, definitiva. Desde que minha mãe morreu, tornei-me árvore.

Posso dar alguns passos – lembrei-me de Éluard – sem cair (venho de longe). Mas jamais tive minha vida em mãos. Afinal, ao fio dos dias, a vida não é mais que um luto demorado. A dura necessidade de durar. A dura necessidade de durar.



A dor daquela mulher era um monumento sem porta, uma pedra. Eu tentava dizer algo, mas a dor grande e cega me encolhia como água de banho demorado. Eu tinha que sair pela janela: a pelada de sábado, o livro de ontem, as chuvas e sua destruição neste verão e a destruição nos verões anteriores, a vida é um verão que não para de chover e levar o que estiver pela frente (alguma promessa no meu coração?). Talvez não possa entender sua dor, nem toda literatura do mundo serviria para compreendê-la, qualquer escrita é pó diante dessa letra magnânime e terrível. Passo os dedos nos ombros da mulher estirada na cama, sua barriga poderia estar cheia de rosas, como a projeção de um vídeo em sua pele morena, divirto-me em imaginar. Eu poderia enchê-la de rosas com meu pau.



Ficou duro de novo, então me levantei. Tatiana parecia dormir, exausta de tanto chorar. Eu via uma nesga de céu azul, alguns livros sobre uma tv antiga, caixinhas coloridas sobre a mesa. No escritório, o computador estava ligado e, num toque, mostrou sobre um fundo negro: *escolha seu sonho*. Uma curta narrativa surgiu em uma janela, seguida, poucos segundos depois, de outro suposto sonho postado por alguém há poucos segundos.

O sonho era tão real que parecia um filme. Eu estava numa lanchonete do centro e você também estava lá. Eu tinha muito medo e não sabia de quê. De repente, compreendi. Havia um homem atrás da loja e sua mão espalmada como a segurar o prédio e a remela nos olhos e alguma baba na boca e os pés nus eram o próprio chão e ele nos olhava fixo e imóvel através da parede.

Ouvi um ruído e estremeci, talvez Tatiana tivesse acordado, minha pulsação disparou como se tivesse sido pego olhando pelo buraco da fechadura. Pior: era como olhar pela fechadura, é claro, e entrever algo muito importante e no entanto pequeno, sutil. Algo está lá, e você o procura entre os elementos corriqueiros que compõem a cena, em busca febril. É então, de repente, que surge na fechadura, do outro lado da porta, um grande olho.

Mas Tatiana dormia. Uma mão sobre a púbis, como sempre fazia, involuntariamente, num gesto ao mesmo tempo pudico, infantil e extremamente erótico.



Volto rápido ao computador, e outra pequena janela já se projetava:

É festa em nossa casa. Uma de minhas pacientes está lá, e não parece nada bem. Levo-a para perto da janela para examiná-la. Impressiona-me sua palidez contrastando com o vestido negro e os olhos demasiado brilhantes. Quando ela abre a boca, sua garganta mostra-se coberta de nojentas crostas brancas nas quais eu quase mergulho, tomado de súbita vertigem. Seu pescoço alonga-se num túnel escuro onde bem sei que eu mergulharia, se não despertasse rápido, o quanto antes.

Então aparece uma palavra e em uma de suas letras tento me segurar, aflito. Uma palavra em grossas maiúsculas: assassino.



Saindo do prédio passei por um senhor branco de bermudas deitado sobre um grande papelão estirado na calçada. Olhava para cima. Diferente dos belos adormecidos comuns no Largo do Machado, apagados quase mortos de tanta cola, crack ou cachaça, tinha o cabelo bem cortado e as roupas não muito surradas, sandálias simples porém novas e uma enorme barriga. Suas pernas estavam dobradas, um dos pés apoiado no outro joelho, e ele olhava para o alto, imóvel, vendo pensamentos que se adivinhavam graves, quem sabe poéticos. O Buda da rua, iluminado em seus olhos infantis, indiferente aos passantes e ao barulho que o cercava. Os moradores forneciam-lhe água e comida como em sacrifício a um deus. A filosofia ou a poesia – quem sabe a mera indiferença – o protegeriam do suor, da poeira e do frio. Ou talvez, como cheguei a

cogitar uma noite, talvez ele saísse lá do subúrbio todas as manhãs e pegasse trem e metrô, para voltar no final do dia, cansado de tanta labuta.

Na tarde seguinte, eu chegava na casa de Tatiana quando ele subitamente olhou para mim – estava de pé, inesperadamente – e abriu um riso de imenso escárnio.



Tatiana, não é banal alguém seguir você durante dias. Pode ser corriqueiro em seus escritos ou sonhos, mas não aqui, nesta cidade, hoje. Ontem cheguei em casa e chequei com os porteiros: não há nenhum negro alto no meu andar. O cara quer alguma coisa. Ok, pode ser que seja apenas um louco, um fã apaixonado, mas pode ser perigoso. Um maníaco especialista em matar escritoras.



Era preto, o carro, claro. Com jeito de ter sido um carrão, uns 10 anos atrás. Primeiro saiu o magrelo, paletó preto, óculos escuros. O barrigudo estava no volante e demorou mais a sair. A roupa era a mesma e os óculos, parecidos. Saiu do carro e demorou-se no meio da rua vestindo o paletó, naquela rua que parecia abandonada ao lado do edifício com inusitado formato de barco (teria pulado em brusca revolta do mar verde e escolhido plantar-se no chão, na terra, no asfalto?). A transversal era movimentada e um carro podia virar a toda velocidade e pegá-lo de frente, num instante. Acho que foi este detalhe, se não o próprio gestual um tanto clichê, sem falar nas roupas pretas, que me fez pensar que aquilo era uma paródia de filme de Tarantino. A paródia da paródia, a paródia-periferia, beat-holliúde.

A rua se abria para mostrar um filme de poucos segundos. A vida, esse filme mal feito, sempre tentando se disfarçar. Dali a pouco ia aparecer uma grua ao lado de minha janela de hotel, e Deus ou o Diretor, circundado de assistentes, ia gritar mal-humorado algum comando no seu alto-falante. O próprio hotel se revelaria então um

cenário de má qualidade, assim como o prédio-barco improvável diante do mar verde maciço e tão vivo.

Contaram-me que décadas antes um hotel elegante ocupava a porção central da construção e convivia com os pequenos apartamentos que formavam suas laterais. Seus corredores eram confusos, múltiplos, pareciam maiores que todo o prédio, maiores que o espaço por ele ocupado. Num virtuosismo surpreendente para a época e a cidade, o arquiteto havia assim conseguido ocultar à percepção de muitos a enorme sala – pulsante e vermelho coração daquela massa de cimento, tijolo, buracos, pombos e ervas invasoras – onde funcionava um cassino clandestino.

Os homens de preto logo encontraram o armário certo, o da porta secreta, e sumiram na escuridão.



A dor é uma gosma que vai encobrindo tudo, é pior que o pó negro que vem da rua, dos carros, da gente, e de noite se cristaliza sobre os móveis, as roupas, o chão de tábuas velhas. Ela vai endurecendo, virando crosta, e aí já é parte de você. Eu me seguro na minha como posso, gosto dela tanto quanto de mim mesma. A dor é minha.

Começou quando meu pai foi embora. Dele, nem me lembro. Lembro mais da sua ausência. Vai ver que ele só se materializou para mim ao faltar. Meu pai é uma falta-de-pai. Minha mãe quase pirou. Tirou uma licença no trabalho e alugou uma casinha perdida não sei bem onde, no interior de Minas. Chorava todas as noites, a noite inteira. No início, era um choro de leoa, choro para lavar o mundo, desfazer paisagens, inundação, enxurrada. Depois virou um choro miúdo que durava a noite inteira, todas as noites, acho que o choro substituía seu sono e impedia que ela sonhasse.

Então eu achei de sonhar. Por ela e por mim. Ou então os sonhos dela, barrados pelas grossas lágrimas, trepavam no teto sem forro como maus malabaristas, e acabavam caindo sobre os meus, na cama. Nossos sonhos se misturavam então, se acavalavam, dobravam-se uns sobre os outros, brincavam. Neles voávamos, e aquele campo e a longínqua cidade passavam a ocupar o mesmo lugar, sobrepondo-se, e tudo ainda estava lá. (inclusive meu pai e seus livros.)

Ela se se aninha, puxando o travesseiro num abraço.

Desde então tenho sonhos dos outros.



Já fiz alguns textos, livros acadêmicos de vagas teorias. Mas sempre quis fazer um livro que virasse outra coisa. Existe livro pedra – você bem sabe – no qual se educar, existe livro água que passa pelo corpo e rola pelo chão em súbito riacho. Mas eu queria livro virando coisa, vibrando na mão de cada um. Concha, folha, chiclete, bilhete, pinça, binóculo, bolinha de papel. Bala de hortelã ou de revólver, sei lá, lanterna, bilhete, anel. Fotografia.

Ou então fazer com as mãos um livro vistoso e plural, cheio de meandros, caminhos que não levam a parte alguma, corredores serpenteando à volta da sala impossível de encontrar, enorme espaço aberto dentro.



Lembro de um mau sonho com meninos – os meninos, rapazotes que vinham nos vigiar, havia fazendas em volta, e um grosso rio daqueles rio-rio-rio correndo de não se acabar, de pau e pique e chuva. Cada menino vinha para o rio e para minha mãe, que me pedia para ir lá para trás, para cima da mangueira, enquanto ele não saísse. Vinham em dois ou três, e os que naquele dia não iam entrar na casa ficavam no rio, agitados, pulando e quase deixando a correnteza levá-los para o redemoinho, para no último instante treparem no pneu grande que pendia, por uma corda, do galho da mangueira, a árvore de tronco retorcido que parecia querer – ela também – mergulhar no sumidouro.

Acho que riam de mim, apesar de não fazerem barulho. Era como se algo de sagrado exigisse, naquele momento, todo silêncio do mundo. Mas olhavam para mim, muito, e esse olhar me atacava sem que eu pudesse saber a razão. Odiava-os.



Um súbito mal-estar invade Paulo e ele precisa sair, ir para casa como quem fura uma onda espessa e ganha a praia para sentir a areia quente sob seus pés.

A porta pela qual ele entra é a do seu apartamento, a mesma que Rosa tinha tantas vezes atravessado, e talvez a sala e o quarto, a cama também fossem as mesmas, e talvez todas essas cenas estivessem ali, uma sobre a outra, pulsando em um palimpsesto que era, provavelmente, sua própria vida. Tatiana já estava lá desde sempre, de alguma estranha maneira, ela surgia atônita num breve passado, num canto de lembrança, numa dobra entre duas paredes, abrindo aqui e ali um cômodo insuspeitado. Ela vasculhava seu labirinto e punha ao avesso passagens, entreabria portas inexistentes, virava paisagens de ponta-cabeça.

Mas quem estava lá agora, placidamente, sentada no sofá, era Rosa. O impacto dessa presença o sobressaltou e mediu a distância que poucos dias haviam cavado. O que você está fazendo aqui? Como conseguiu entrar? A porta estava aberta, meu bem. Achei estranho, pensei que você podia estar ahnn... bebendo muito, sei lá... A porta? Aberta como, escancarada ou encostada? Encostada, ou melhor, semiaberta, não sei bem, percebi que estava aberta quando bati. Falta algo? O quê? No apartamento, você deu falta de algo? As coisas estão em seu lugar? Sim, acho que sim, apesar da bagunça. Vi que você mudou algumas coisas. Irritou-se: E daí? Daí, nada. Não precisa gritar. Fez um muxoxo, ia talvez chorar.



Um dia terei recebido dele um postal de um museu mexicano de antropologia, onde estará escrito que *toda luna, todo año, todo día, todo viento, camina e pasa tambien. También toda sangre llega al lugar de su quietud*. Então saberei que ele já vivia sua própria morte pouco a pouco, como todos. (Seria isso, a tal pulsão de morte de que fala

Freud?). Verei-me precariamente instalada em um pico muito fino e mau e farei dele uma agulha e farei dela uma escrita.



Tatiana estava enfim aflita, atrás dos óculos semiescuros, cabelos presos num rabo perfeito, capa da cor daquela tarde chuvosa. Ele está mesmo me seguindo, vi no metrô, percebi sua aproximação na outra ponta do vagão, tudo muito cheio de gente e eu não conseguia alcançar o corrimão ou seja lá como se chame aquela merda onde a gente se segura, ele era muito alto e eu não sabia se ficava lá ou descia na estação, capturada por aquele olhar, ouvi o barulho dos freios nos trilhos, li Cinelândia e me agarrei nessa palavra enquanto saltava bem bem no momento em que a porta se fechava. Corri sem olhar para trás, subi as escadas rolantes tentando me esgueirar pela multidão. Estou com medo, Paulo.

Ela quis ficar na minha casa, e eu tive durante toda a noite medo de que Rosa aparecesse. Não sei se foi a presença do medo ou de Rosa que me deixou sem vontade. Tatiana enroscada no cobertor, na ponta da cama, talvez sonhasse aqueles sonhos que eu lera na tela do computador.

Uma coisa, uma coisa única não saía da minha mente: por que o negro alto quis me mostrar o livro de Tatiana?



Um estrondo arromba a porta da casa, estou em minha cama – mas para sempre perdeu-se sua maciez, se foi a própria cama, perdi-me eu mesmo. O apartamento torna-se um labirinto, estou em seu centro, é inevitável que ele chegue, tudo é tempo, o pior é não ouvir seus passos, a surpresa que me tomará quando ele aparecer, mesmo eu o esperando, agora. Agora.

Acordei suado. Na frente do computador, esperei a máquina se ligar como quem aguarda a janela se abrir. (eles têm razão de chamar isso de windows. O problema é se o cara quiser se atirar por ela).

Havia um novo sonho.

Não podia dormir então vagava por toda a cidade, esbarrando em moradores de rua e boêmios. Tropecei em uma criança e quase caí – foi quando percebi que não dormia, porque não sonhava. Na esquina passou um caminhão barulhento como o de lixo e eu compreendi, em uma revelação, que ele parava em cada vulto estendido no chão para lhe sugar o sonho. Corri atrás dele em desespero, gritando “devolva meu sonho”, e então a motorista se virou e pude ver o rosto de Tatiana, numa gargalhada.



Multiplicam-se à noite, como coelhos, os livros. Essa brincadeira fazia rir algum visitante eventual e servia de desculpa para a desordem que as estantes não conseguiam conter. As alunas, tomando-a como uma insinuação de paquera, costumavam soltar uma gargalhada nervosa. Eu sabia, porém, que os livros não copulam entre si, mas conosco. Ou melhor, nos fazem copular e parir livros, em linhagens cruzadas que desmentem qualquer autoria. Cada livro convida a outro, ainda não escrito. Cada livro pega no ar a bola lançada por um ou dois ou vários livros. Tatiana e eu copulávamos assim, entre livros, misturando nossas vozes e nossos dedos, nossas vidas e suas ficções.

E então, de repente, a bola caiu.



Ela soltou um risinho nervoso e zombou: seu delegado há um homem me seguindo, ele pensa que eu roubei seus sonhos. Não repare, é tudo um terrível mal-entendido: Então o senhor não sabe que todo escritor rouba sonhos dos outros?

Ele deveria ficar feliz de eu lhe devolver algum sonho antigo, em um livro. Isso se ele foi mesmo capaz de sonhá-lo, quem sabe seu sonho não tinha sido abortado in statu nascendi, ele ainda criança?

Tatiana, o blog. Ele deve ter mandado algum dos sonhos que você usou em seu livro. Ela pareceu estarrecida, como se não acreditasse que aquelas narrativas pudessem existir fora de sua tela ou de suas páginas.



Tem a história de uma amiga que fez análise durante vários anos em um país estrangeiro e depois perdeu contato com seu analista. Alguns anos mais tarde ela volta àquele país e quer vê-lo. Liga, mas ninguém atende. Entra em uma livraria e compra o último livro do gajo mas, estranhamente, só se decide a folheá-lo cerca de um ano mais tarde. Chama sua atenção um dos ensaios ali reunidos, que ela começa a ler com um mal-estar indefinível. Era uma espécie de estudo de caso. De repente tropeça em uma frase sua, disso ela tem certeza, pela estranheza que é ao mesmo tempo um reconhecimento. O resto parece flutuante, incerto. Então aparece o relato de um sonho, um sonho central, segundo o analista, para aquele tratamento. Trata-se de um barco, de um pai, de uma fuga.

Ela não se lembra de nada.



Abre-se uma janela: Era um jardim de verão e sonhos voavam como borboletas, entre nós. Eu tinha uma rede nas mãos, mas não me ocorria capturá-los. Percebia que um

sonho só existe para ser dado a um outro. Um homem: aquilo que representa um sonho para outro sonho.

Tatiana postou o pequeno texto com dedos trêmulos. Era uma espécie de armadilha, ou a resposta positiva para o duelo. Os dois olharam para a porta do apartamento, como instintivamente, ao mesmo tempo. Esperavam o homem.

Então tocou meu telefone e era Rosa, voz abafada. Um homem está aqui, ele me amarrou na cadeira. Diz que só me liberta se você trazer uma tal de Tatiana.

Tatiana subitamente séria, mãos crispadas, voz baixa: o que ela está fazendo em sua casa? Como se o único perigo de morte – e a única possibilidade de salvação diante dela – fosse o amor. Convenço-a com dificuldade a pegar uma muda de roupa e ir para o hotelzinho barato da minha rua. Precisava ao menos acreditar que ela estivesse em segurança para me ocupar de Rosa. Dirijo-me à porta (aviso o porteiro? a polícia? estava convencido de que o homem era louco), mas um baque me detém. Tatiana caída desmaiada no banheiro.



Quando ela caiu (hipoglicemia, disseram no pronto socorro) Paulo a viu como morta. Seu rosto ganhou muitos anos e toda a história dos homens. De súbito entregavam-se naquele semblante todos os sonhos, todos eles frustrados, todas as paixões, todos os pensamentos vãos. Ali estavam as horas dormidas por todos os homens, até hoje. O passo na lua, o primeiro beijo, o instante de loucura que basta ao assassino.

Já ela tinha visto outra coisa, justo enquanto caía, mas jurava que não havia relação entre a queda e a coisa escrita, que era frase escrita por alguém que ela não conhecia, provavelmente o último hóspede deste hotel chinfrim. Só o vapor da ducha revelou a inscrição invisível, feita com outro vapor, do dedo de outra gente: *escolha seu sonho*.



Nada nos é objeto, tudo nos é sujeito – Paulo citou Breton. É o sonho que te escolhe, minha cara, não se aflija. Escolhe, usa, abandona. Ou aceita acompanhar-te durante o dia, a semana, a vida.

E a escrita, você sabe agora mais do que nunca, é sempre alheia.



Sabendo que minha mãe detestava fotografias, tios e primos preocuparam-se, quando ela morreu, em me mandar imagens dela e de mim quando criança. Como se as fotos fossem necessárias para mantê-la viva – ou, pelo contrário, para que pudesse morrer. Deixei-as no celular e agradei cada envio, mas só fui olhá-las meses depois. Ela na praia, com pernas e pose de miss. Sorrindo entre as colegas de escola, de uniforme. Em um baile, talvez de formatura, girando com meu pai entre outros casais. Todas as imagens diziam algo que cabia a mim agora decifrar, entre o burburinho de suas personagens. Traziam mensagens cifradas como as de sonhos, a pedir minha fala, minhas palavras de felicidade, assombro ou tristeza.

Uma delas calava. Seu silêncio me paralisava e pedia tempo, muito tempo. Memória. Ela me segurava no colo, pequena, ainda bebê. Havia uma pequena multidão a nosso redor, ou melhor, à nossa frente, formando uma espécie de pirâmide a nos sustentar em seu topo, madonna e bambina profanas, ainda que de branco, sob a luz amarela de um outono qualquer.

Fiz zoom e assim eliminei metade da pirâmide de gente. E então outro zoom: estávamos a sós. Ela não posava mais. De mundano, seu sorriso tornou-se plácido e forte. Definitivo. Abaixo dele, o topo de minha cabeça escondia seu queixo. Meus olhos miravam fixa e aflitadamente a câmera, que escondia não sei quem (teria meu pai tirado esta foto?). Eu tinha as duas mãos sobre a boca, e a imagem ocultava se era algo de comer (ou alguma palavra?) que assim segurava. Atrás de nós, uma cortina branca esvoaçava, deixando entrever o vidro opaco de uma janela.

Um novo zoom enquadra o sorriso de minha mãe e meus olhos, apenas, e revela uma linha branca descendo pela lateral até cortar minha pupila esquerda – uma dobra na foto original, sem dúvida, partindo meu olhar como a navalha de um filme famoso – e partindo-o novamente, agora e desde sempre.

Mas resta seu sorriso, a sustentá-lo inteiro.



▣

Falar era a única esperança. Salve-nos: a palavra. Com ela a gente cresce sempre, sem saber para onde, como dizia Guimarães Rosa. A porta do apartamento estava apenas encostada e tudo parecia silencioso. Entrei e fechei a porta atrás de mim, num gesto

que depois me pareceu incompreensível. Rosa arregalou os olhos, uma mordada improvisada roubou-lhe o grito. Todo seu corpo sacudiu-se indicando a cozinha. Agarrei o vaso de vidro da estante e voltei o corpo com precisão de bailarino. Por sorte ele estava de costas, grande vulto cansado suspenso apenas pelo copo de whisky na mão direita (que bom – ou que pena? – que aquela garrafa eu não havia enxugado). Caiu mais por obediência a uma coreografia alheia do que ao peso do meu golpe.

O homem oscilando caindo como nau sem rumo, naufragando nas paragens do vago onde a realidade toda se dissolve – ou quase. E meu gesto, uma vez realizado, tornando-se ato vazio diante de Rosa (que eu nem tinha vontade de libertar). E o silêncio que se espalhou como de uma torneira, por toda parte, inundando o desenho sinuoso e vermelho de um lugar impossível.



Um dia vieram três meninos, no rio, um deles, o maior, olhava fixo para minha mãe e estava bem sério, num olhar de coisa grave, de grande acontecimento ou tragédia. (tinha talvez um pressentimento?). Entrou, e os outros brincando nervosos no rio, eu trepada na árvore. O menino não saía nunca da casa, os outros do rio. Escondiam-se entre as pedras, jogavam água um no outro, faziam-se mutuamente submergir, bufavam como bestas. Alcancei sem pressa o galho que mais se aproximava do espelho d'água e desatei o nó de marinheiro que mantinha a corda do grande pneu. Lembro-me de vê-lo ainda suspenso no ar, como marionete que se sustentasse sem cordéis. Corri para detrás da casa, o coração disparado e uma estranha calma nas pernas.

O silêncio fez-se ainda maior e uma porta rangeu de dentro. (da casa? de mim?). Veio então, de súbito, o grito, o rumor do rio, o horror do menino só nas águas. E um grito maior e surdo entrando e sufocando na boca, o do menino afogado, esburacando o dia.



Então compreendi. As páginas eram de vidro. Na superfície transparente, cada palavra misturava-se ao mundo à sua volta e se sobrepunha a outras letras e frases de outras páginas, em jogo com a luz do sol e o ângulo do olhar. Ao ser folheado, o livro parecia fluir como água, tornando-se um livro-rio como aquele onde tudo acontecera – para mim e para ela, para todos e para ninguém. Letras, céu, pau e folhas iam trocando de lugar e eu também, ali refletido. E o livro indo, a cada instante, tal caleidoscópio

– a própria vida.